

Sujeito e velhice: a particularidade das relações de gênero afetando a formulação do dizer

Belmira Magalhães *
Helson F. da Silva Sobrinho **

Resumo

Discutiremos neste artigo, através da fala de homens velhos e mulheres velhas, a imbricação das relações de classe e das relações de gênero na constituição dos sujeitos e dos sentidos atribuídos à velhice. A análise do discurso e a teoria feminista compõem o escopo teórico-metodológico que orienta a análise do *corpus*. Mostraremos, por meio das falas dos idosos, como a determinação de classe, afetada pela dimensão de gênero, atua na produção das imagens sobre a velhice, promovendo diferentes posições de sujeito e, conseqüentemente, o enfrentamento da vida social diversificada. Entender de que forma o gênero orienta a formulação do dizer é também problematizar a constituição do sujeito e do discurso no entrecruzamento das relações sociais, lançando, desse modo, contribuições às questões inquietantes em torno do sujeito (desde a interpelação ideológica até a possibilidade de autoria) e da produção de sentido na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Discurso. Sujeito. Gênero. Relações de trabalho.

O lugar da análise

Discutiremos, neste artigo, por meio da fala de mulheres velhas e homens velhos, a imbricação das relações de classes e das relações de gênero na constituição dos sujeitos e dos sentidos atribuídos à velhice.

Tomaremos o objeto de estudo – o discurso da velhice – a partir de nossa filiação à perspectiva teórica da análise do discurso (AD), na linha de seu fundador Michel Pêcheux.¹ Salientamos que desse lugar de análise o sujeito se constitui nas práticas sócio-históricas e nas lutas ideológicas de uma determinada formação social. Desse modo, compreendemos que todo discurso, produção de sujeitos históricos, está entrelaçado nas relações sociais, as quais sustentam os efeitos de sentidos.

Com essas assertivas, chamamos a atenção para a percepção de que o entrelaçamento das categorias classe social, gênero e velhice, aqui proposto,

* Doutora em Letras e Linguística pela UFAL. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística e do Mestrado em Sociologia da UFAL.

** Sociólogo, Doutor em Linguística e professor do Centro de Educação da Ufal.

está fundamentado no pressuposto marxiano de que existe determinação das relações de produção em relação a todas as outras expressões das relações sociais. Segundo Marx (1996, p. 52), “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”. Portanto, enfatizamos que a centralidade do trabalho, isto é, a determinação das relações de produção, fundamenta as relações de gênero atuantes na formulação do discurso, uma vez que as condições materiais de existência constituem a base das instituições, valores, regras e produção de sentidos. Dialeticamente, esses valores, regras e efeitos de sentido vão influenciar na reprodução e possível transformação das condições materiais. É nesse sentido que Lukács afirma a importância dos estudos sobre a linguagem como possibilidade de aprofundamento do ser social:

No entanto, uma ciência da linguagem que tomasse como objeto de pesquisa, como fio condutor de seu método os nexos realmente existentes entre trabalho e linguagem poderia contribuir para ampliar e aprofundar o nosso conhecimento do processo histórico do salto. [...], **pois** o fundamento de fenômenos tão diversos está submetido à situação ontológica que se origina necessária e objetivamente com e no trabalho (LUKÁCS, 1997, p. 67 e 72).

A possibilidade de pensar essa articulação encontra-se sinalizada pela própria AD, quando retoma a questão da produção de sentidos, orientada pelas condições de produção do discurso, compreendidas no seu âmbito imediato,

o **aqui e agora** do discurso e, também, no seu aspecto amplo, ou seja, nas relações sociais de produção. Essa relação entre o dizer e suas condições de produção marca a especificidade da análise do discurso em relação às outras teorias que trabalham com a linguagem.

É preciso considerar também que o discurso se materializa na língua e sofre os efeitos da ordem lingüística e da ordem histórica. Assim, a sua formulação se dá na tensão entre a língua, na sua relativa autonomia, e as práticas sociais.

Mas antes de poder realizar um exame mais detalhado de algumas questões aparentemente muito distantes e, pelo contrário, por sua essência enraizada no trabalho, temos que considerar melhor um fenômeno, já por nós abordado, que é uma consequência direta do trabalho, isto é, o surgimento da relação sujeito-objeto e a distância entre sujeito e objeto que necessariamente advém daí. Essa distância cria imediatamente uma das bases indispensáveis, dotada de vida própria, do ser social: a língua humana (LUKÁCS, 1997, p. 65).

Essa imbricação do trabalho, considerado ontologicamente, e da língua constitui o motor das análises discursivas que se fundamenta no materialismo histórico. Como diz Orlandi (1999), o discurso é o encontro entre o lingüístico e o histórico, mas esse encontro apenas se realiza por meio do sujeito, que se expressa em forma de gesto de interpretação. “É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos” (ORLANDI, 1999, p. 47).

Na verdade, o gesto de interpretação está sustentado na concepção do sujeito como único capaz de falar do e sobre o mundo, sofrendo sua voz o peso da determinação social, que condicionará suas escolhas e as práticas cotidianas que se institucionalizaram.² É precisamente nessa tensão entre o já-dado/já-dito (produção histórica, pré-construído e memória discursiva)³ e aquilo a ser realizado (produção do novo e atualização dos sentidos) que cada sujeito se constrói e é constituído nas determinações de classe e no condicionamento do inconsciente. Todas as outras relações, como etnia, gênero, idade, nacionalidade, religiosidade, profissão etc., construções históricas determinadas pelas relações, de classe, têm eficácia na constituição das subjetividades, com as conseqüentes formas de pensamento e formulação do discurso.⁴

Do real à explicação do real

Uma das questões determinantes para nosso estudo é a compreensão de que o pensamento não se sintetiza, não se aprofunda nem se move por si mesmo. Marx (1996) enfatiza esse aspecto quando critica o idealismo:

A questão de saber se o pensamento humano pode chegar a um objetivo verdadeiro não é uma questão teórica, mas uma questão prática. É na prática que o homem deve provar a verdade, ou seja, a realidade, e a força, independente do seu pensamento. A discussão sobre a realidade ou irrealidade do pensamento,

isolada da prática, é puramente escolástica (MARX, 1996, p. 87/88).

Essa observação nos fornece a indicação de que é preciso voltar ao real e compreender as contradições inerentes à produção do discurso foco de análise. No caso aqui em estudo, tratar de gênero e velhice pressupõe homens e mulheres, numa determinada época histórica, que reproduzem suas existências biológica, social e simbólica.

De fato, são as determinações de classes afetadas também pelas particularidades das relações de gênero que nos fazem, agora, falar de mulheres velhas e homens velhos, buscando compreender nas formulações discursivas os seus gestos de interpretação quando falam da vivência da velhice. As complexas relações de gênero vivenciadas por elas/eles num determinado período de suas histórias de vida afetam e direcionam os sentidos de sua vivência presente, de seu gesto de interpretação.

Dentro desse caminho de análise, é necessário partir do pressuposto de que as posições da mulher e do homem na sociedade são determinadas pelas relações sociais de produção. Isso inclui levar em consideração a maneira como os sujeitos participam, na sociedade capitalista, do mercado de trabalho assalariado e da produção e reprodução da própria vida. Com isso, afastamos o risco de reduzir o debate sobre a exploração e submissão da mulher simplesmente ao poder masculino (patriarcalismo), como se esse poder fosse dado naturalmente. É preciso pensar o gênero como uma construção

social que vem se modificando ao longo da história, que divide e dá sentido às tarefas humanas fundadas na base material da produção da vida. Segundo Magalhães (2005b, p. 32),

partimos de pressupostos teóricos e metodológicos, que consideram ser a reprodução dos seres humanos integrante de um sistema que inclui a produção e a reprodução da vida em geral. Na verdade, uma é condição da outra, isto é, há uma subordinação da reprodução à produção, que se apóia sempre numa divisão sexual/etária do trabalho, que terá variações diferentes, dependendo da lógica da produção de cada sociabilidade. Quando afirmamos que há uma relação da produção com a divisão sexual do trabalho, não estamos dizendo que essa relação é a mesma, mas que, sem essa imbricação, o entendimento da produção e da reprodução biológica fica prejudicado.

A sociedade brasileira, como toda sociedade capitalista, é hierarquizada. Além de uma divisão em classes sociais, há também uma divisão sexual do trabalho que é afetada pelas relações de apropriação do trabalho alheio. A nosso ver, gênero e classe social não se excluem; ao contrário, complementam-se sob a determinação das relações de classe. No entanto, grande parte das mulheres aparece como se não fizesse parte da classe trabalhadora. Essa barreira social e cultural é sempre justificada por questões da natureza biológica da mulher, voltada para a reprodução biológica: gestação, parto, aleitamento.

Em decorrência do tratamento que põe a mulher como fazendo parte fundamentalmente da ordem da natureza

(reprodução), é comum interpretar que ela tenha como função natural cuidar do âmbito doméstico. Portanto, institucionaliza-se a imagem da mulher como zeladora do lar, esposa e mãe, devotada à família, fazendo-a assumir os serviços domésticos de manutenção da vida, como alimentar e socializar os filhos, de modo paciente, ou, mesmo, produzindo sentimento de culpa quando não é possível realizar tais tarefas tidas como naturalmente “próprias” de sua condição de mulher.

Essas atividades, que exigem esforço físico e dedicação intensa, correspondem a trabalho não pago; por isso, dentro do sistema capitalista é fundamental para a preservação da sociedade de classes, na qual a mulher cumpre a função de reproduzir biológica e socialmente os novos sujeitos sem custos adicionais para o capital. Esse é o motivo primordial da ideologia dominante capitalista para preservar esse espaço do feminino, pois, além de baratear o custo do trabalho, a família tem como função fundamental a preservação das relações sociais, isto é, um lugar conservador. Como principais socializadoras das futuras gerações (tanto em casa como na escola), as mulheres são condicionadas, ideológica e inconscientemente, à não-participação e entendimento das contradições sociais, sendo afastadas, por exemplo, do espaço da política, pois isso poria em perigo a reprodução do capital. O espaço da casa reservado às mulheres, além de permitir um lucro adicional, por não ter de remunerar as tarefas domésticas, ainda proporciona a alienação necessária em relação ao

mundo da rua, fundamental para a reprodução do sistema.

A presença dessas relações entre os sexos nas sociedades de classes que divide e aliena o trabalho, bem como as oportunidades e distribuição dos bens coletivos, complexifica eficazmente a constituição do sujeito do discurso que teorizamos, especialmente porque reforça a permanência do sistema patriarcal.⁵

A velhice de mulheres e homens do Sesc e do Asilo

Vimos que a posição da mulher na sociedade atual ainda é, majoritariamente, de reprodução e cuidado com o lar e com o marido. Por outro lado, o atravessamento da categoria de gênero pela categoria idade pesa fortemente nas definições de velhice. Estamos aqui tratando de mulheres velhas e de homens velhos, posições que necessariamente interferem no discurso e na constituição desses sujeitos, segundo Silva-Sobrinho (2006, p. 15):

Não é de se admirar que quando se escolhe definir velhice como uma categoria de idade, ou mesmo através de designações tais como: “velho”, “idoso”, “ancião”, “velhinho”, “terceira idade”, “melhor idade”, há sempre um gesto de interpretação que tem sua gênese em determinada conjuntura histórica. Desse modo, tais palavras funcionam como paráfrases do discurso sobre velhice, carregam conflitos, delimitam fronteiras entre o dito e o não-dito e demarcam posições de sujeitos.

Freqüentemente, encontramos discursos sobre a velhice que trazem

traços depreciativos: velhice é doença, feiúra, tristeza, morte. É o inverso do discurso que identifica a juventude, como saúde, beleza, alegria, vida. Esses interdiscursos, em seus complexos de sentidos, atuam no pensamento e constituem sentidos dominantes de velhice que afetam tanto as falas das mulheres velhas quanto as dos homens velhos quando elas/eles falam sobre sua vivência.

As mulheres velhas e os homens velhos desse item fazem parte do grupo de terceira idade do Serviço Social do Comércio (Sesc) da cidade de Maceió-AL. As idades dos entrevistados variam entre 60 e 73 anos. São mulheres e homens que residem em famílias cuja renda média gira em torno de um a três salários mínimos. Seleccionamos, para esse momento, a fala de algumas mulheres que participam das atividades do Sesc, representativa⁶ das repostas de todas as outras, com pequenas diferenças. Quando questionadas sobre como é sua vida na atual fase, elas respondem:

Eu acho, eu acho a minha velhice, acho maravilhosa, MARAVILHOSA mesmo [...] porque eu agora estou vivendo mais do que quando era jovem, no meu tempo de juventude os meus pais era... Sabe como era antigamente os pais, prendia os filhos, não liberava pra nada, não podia ir a um baile, não podia ir ao cinema, não podia namorar, não podia nada. Muito embora eu fui muito danada. Mas era mesmo que hoje. Eu sou uma pessoa que muitas mocinhas de hoje... eu era muito de salão. Hoje a minha vida tá liberada Graças a Deus eu faço o que quero, o que tenho vontade. Tenho um

esposo que é muito bom pra mim, que me libera, ele não gosta de brincar, não gosta de se divertir. Mas justamente sabe... me conhecendo que, quando eu era jovem, desde de jovem que eu gostava de brincar e me divertir, depois me liberou. “Pode ir, minha filha!” Aí eu passeio, brinco à vontade, na linha, né, porque a gente tem que procurar o lugar. Se for casada, tenho que procurar meu lugar. Mas brinco do mesmo jeito. (mulher, 66 anos, Sesc)

A velhice, quem faz a velhice é o povo, sabe? Mas a velhice não é coisa ruim não, eu acho a velhice boa, gosto muito, quer dizer, eu ando muito, passeio, faço tudo que eu quero, sabe? Como se diz, na minha infância, quando eu era casada eu andava muito com meu marido. Ele, como se diz, gostava muito de mim, me considerava muito, sabe? Um era policial civil; outro, ex-combatente e o outro, policial e o outro trabalhava, o pai dos filhos, na saúde pública sabe. Todos eles, graças a Deus, foi um bom marido pra mim, considerava muito. Nunca fui mulher que deixasse meu marido em casa pra ir pro mundo (mulher, 67 anos, Sesc)

Considerando a força da ideologia e as marcas inconscientes que produzem os discursos dominantes e orientam complexos de sentidos que norteiam o pensar, surpreenderam-nos as falas dessas mulheres idosas que participam do Sesc. Numa primeira aproximação, podemos afirmar que essas mulheres consideram a velhice como algo “maravilhoso”, reconfigurando o sentido que aparece como dominante.

Eu acho, eu acho a minha velhice, acho maravilhosa, MARAVILHOSA mesmo. (mulher, 66 anos, Sesc)

Essa reorientação dos sentidos nos fez questionar o gesto de interpretação, buscando a sua historicidade. Como tais sentidos são reelaborados para afirmar que a velhice é “maravilhosa”? Perguntar isso nos fez buscar vestígios que nos revelassem como se sustentam tais sentidos. Descobrimos como primeira marca que determinadas mulheres velhas dão sentidos a sua vivência presente relembrando o passado. Nesse exercício de memória social, elas diferenciam as práticas sociais e também os valores de ontem e de hoje. O que acabamos de expor nos alerta que é decisivo o retorno da memória para a compreensão do sentido. Pêcheux, quando fala de memória, afirma ser ela a responsável pela

estruturação da materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursivos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Pensar nessa complexa estruturação discursiva nos faz, aos poucos, descobrir as articulações daquilo que está presente, mesmo que aparentemente ausente. Ao tratar dessa questão, não poderemos deixar de especificar que essas mulheres vivenciaram suas experiências no “seio” da família, seja na casa dos pais, seja depois na vida, como esposa e mãe responsável pelos afazeres domésticos e pela criação e educação dos filhos e cui-

dados com o marido. Podemos observar nos recortes abaixo:

Ah quando eu era jovem! Era bem, mas só mudei porque me casei. Quando eu era jovem eu não tinha regalia nenhuma, só vivia em casa mesmo pra ajudar minha mãe, meu pai. Eu tinha ... meu pai, minha mãe me dominava [...]. Era, fazia o que ele queria. Não era essas coisas boas também. Era aquele dia-a-dia mesmo de ir pra escola, voltar, ajudar mãe. Depois casei, tomar conta dos filhos, coisa e tal. (mulher, 70 anos, Sesc)

Percebe-se nessa fala, claramente, que há um dito que condena a vida passada e exalta o momento atual. A condenação do passado enfatiza a repressão da educação familiar em relação às filhas:

Porque eu agora estou vivendo mais do que quando era jovem. No meu tempo de juventude os meus pais era... sabe como era. Antigamente os pais prendia os filhos, não liberava pra nada, não podia ir a um baile, não podia ir ao cinema, não podia namorar, não podia nada. (mulher, 66 anos, Sesc)

Como todo discurso remete a um outro discurso “presente nele pela sua ausência necessária” (ORLANDI, 1996), percebe-se nas falas o confronto do passado (vivido-relembrado) com o presente (experenciado enquanto novidade), o que significa fazer o que quiser, ir aonde puder, por estar liberada da dominação do pai, dos ciúmes do marido e também de boa parte dos afazeres domésticos. No entanto, é importante destacar que, para conquistar isso, ou as mulheres são viúvas ou têm esposos qualificados

como “bons”, que as “liberam” para se divertir:⁷

eu faço o que quero, o que tenho vontade. Tenho um esposo que é muito bom pra mim, que me libera, ele não gosta de brincar, não gosta de se divertir. (mulher, 66 anos, Sesc)

Nunca fui mulher que deixasse meu marido em casa pra ir pro mundo. (mulher, 67 anos, Sesc)

Não, ele [o marido] não gosta, ele é esse tipo assim de tá em casa, caseiro demais, não sai pra canto nenhum. Mas também não me prende. Aí eu faço, oi, tudo que tem eu faço assim de brincadeira, de diversão. Ele me libera mesmo. (mulher, 66 anos, Sesc)

Esse é o não-dito que acompanha a maior parte das falas das mulheres desses programas, isto é, tem de haver o consentimento dos companheiros para fazer o que têm vontade e, além disso, elas podem brincar, mas precisam “andar na linha”, cumprindo as regras que dizem respeito ao comportamento feminino: “Aí eu passeio, brinco à vontade, **na linha, né**, porque a gente tem que procurar o lugar”.

Dois pontos devem ser ressaltados nesses discursos: todas tiveram uma juventude de trabalho, de ajuda em casa, de exploração e opressão de classe manifestada nas relações de gênero. Além disso, as mulheres foram reprimidas enquanto seres que precisavam ter um comportamento adequado para o papel que deveriam exercer de mãe e esposa. É a partir do deslocamento desse lugar da juventude que a visão do presente se elabora. Porque tiveram aquele passado, as mulheres encaram

a velhice como uma libertação da vida de trabalho e das amarras impostas pelas relações de gênero, embora nem percebam que continuam devendo obediência aos “bons maridos” e sendo exploradas pelas relações de produção.⁸

Cabe ressaltar também que, de uma certa forma, dentro da posição de classe, esse grupo conseguiu ter uma vida mais calma na idade adulta, embora com dificuldades, pois as suas aposentadorias e a de seus maridos permitem uma vida simples, sem grandes dificuldades financeiras, mantendo o padrão que conhecem.

O que observamos na fala dessas mulheres é o reforço, sem nenhuma crítica da institucionalização, dessas práticas que restringem a mulher apenas ao papel de ser filha, esposa e mãe. As práticas sociais vão institucionalizando determinados sentidos que orientam a imagem e as expectativas de ser mulher. Esses sentidos presentes e atuantes sustentam o dizer da “permissão” dos “bons maridos” para a saída da mulher em direção ao espaço público, uma vez que este espaço é tido como exclusivamente masculino, cabendo à mulher apenas a reclusão ao espaço doméstico (privado).

Quando encontramos essas falas, podemos inferir um discurso de emancipação da mulher, “permitida/ liberada” pelo poder masculino. Essa emancipação permitida resulta das próprias práticas sociais que conduzem à saída da mulher do trabalho doméstico em direção à rua (aqui entendida como as atividades desenvolvidas no Sesc). Essa construção ideológica de

liberdade vivida nas relações de gênero da terceira idade orienta os sentidos dados à velhice, não significando que a opressão contra a mulher tenha deixado de existir na terceira idade; A nosso ver, a opressão continua, mas ganha um novo significado, uma vez que outras práticas são possíveis de ser experienciadas, desde que sejam, sempre, “permitidas” pelo marido. Podemos observar melhor isso nos vestígios deixados na textualidade desse discurso:



Logo:

“eu acho a velhice boa,
gosto muito, quer dizer,
eu ando muito, passeio,
faço tudo que eu quero, sabe”

Nesse sentido, percebe-se que, com o passar dos anos, as relações de gênero vão apresentando características

diferentes das outras idades. Como a sexualidade vai deixando de ser motivo de manutenção das mulheres sob “proteção” dos maridos, há uma permissão destes para que elas procurem se divertir, evidentemente dentro da ordem e dos bons costumes, como afirmam nossas entrevistadas.

Percebe-se é que a expectativa dessas mulheres é muito pequena, reduzindo-se às atividades que o Sesc oferece e a algumas viagens que conseguem fazer, isto é, o discurso dessas mulheres aponta para um pré-construído feito memória que realiza a comparação entre um momento em que nada tiveram, enquanto trabalhadoras ativas, reproduzindo o capital e/ou os semelhantes como donas de casa, e o momento em que, velhas, aposentadas ou vivendo da aposentadoria/pensão dos maridos, podem usufruir o pouco que a lógica do capital permite àqueles que não sucumbem durante a fase de produtividade. Tudo torna-se **MARAVILHOSO** se comparado à vida que tinham antes. Um idoso entrevistado nos mostra claramente a comparação:

A minha vida antes de vir pra cá, a minha vida antes de vir pra qui, não era muito boa não, que era somente pra trabalhar pra criar os filhos... Aí tinha que trabalhar mesmo, trabalhava de dia, de noite na estiva, aí foi que dei graças a Deus, acabei de criar a família. Hoje tão tudo casado, formados. (homem, 73 anos, Sesc)

Esses traços na textualidade permitem-nos entender como as relações de gênero, determinadas pelas relações de classes, atuam na interpretação,

tornando a velhice algo “MARAVILHOSO”, oposto a um discurso dominante que diz ser a velhice “assombrosa”, “péssima”, “ruim”.⁹ Tanto de um lado como de outro, é preciso questionar a interpretação para compreender como os sentidos brotam e também se tocam na história. Se há um deslizamento nos sentidos de velhice, não se pode acreditar que a vivência da velhice tenha rompido com sua determinação histórica. O elo entre língua, sujeito e história é ontológico, não uma justaposição de categorias.

É importante ressaltar, ainda, que os homens “maridos bons” trazidos pela fala das mulheres não participam das atividades de lazer e que o número de idosas é muito maior que o de idosos. Os poucos homens que participam das atividades do Sesc apresentam uma representação discursiva muito semelhante ao sentido de velhice “maravilhosa”.

Eu vim por intermédio de amigos, né! Uma senhora que era amiga da minha mulher disse que o Sesc era um pedacinho do céu. Aí eu vim pra qui, eu não acho que é um pedacinho, eu acho que é quase um céu inteiro, que aqui é muito bom! (homem, 69 anos, Sesc)

Percebe-se que, assim como as mulheres, esses homens encaram a velhice como uma libertação das amarras da posição de trabalhador que a aposentadoria permite. A possibilidade de se desvencilharem da exploração que o trabalho trazia e, ao mesmo tempo, de terem agora os encargos familiares amenizados pelo crescimento dos filhos faz com que os

idosos sintam a participação em atividades dirigidas a eles como “quase um céu inteiro”, sem nenhuma crítica à própria situação de dificuldade por que passa o trabalhador aposentado e, muito menos, sem crítica ao programa do Sesc, dirigido a essa etapa da vida que, na maioria das vezes, não leva em consideração as reais condições do idoso e a contribuição que eles, com sua experiência de vida, poderiam dar para a sociedade. Conforme Silva Sobrinho (2006, p. 215):

Na fala desses trabalhadores há sempre uma tendência em buscar no SESC um lugar de descanso da fadiga causada pela vida laborativa. Trata-se de uma tentativa possível de apaziguamento dos problemas para enfim se considerar liberto e feliz, já que o “dia-a-dia era trabalho”, no sentido de martírio: sofrimento próprio do trabalho subsumido à lógica do capital.

A determinação dos sentidos é histórica e, neste caso, essa configuração da velhice como “boa” e “maravilhosa” revela-nos que a força das relações de gênero fundadas nas relações de trabalho, que dividem o que é próprio do homem e da mulher, atua na constituição do sujeito e dos sentidos. A casa torna-se espaço do aposentado “caseiro”, e a rua, o da dona-de-casa “liberta”, que pode “fazer tudo que quer” desde que “procure seu lugar” de mulher casada. Acontece que a rua é uma instituição (o Sesc), não a rua propriamente dita, e essa liberdade é uma liberdade consentida, não conquistada. Essa libertação permitida à mulher com mais de sessenta anos é uma pro-

dução histórica e está fundamentada nas práticas sociais, que também “permitem” ao homem “liberar” sua esposa para frequentar o Sesc, ou mesmo, ele próprio participar dessa instituição, tida como “quase um céu inteiro”.

Diferente é a representação que têm da velhice as mulheres e os homens que vivem em asilo.¹⁰ Para os homens, a velhice é sinônimo de abandono, de espera da morte. A primeira imagem se dá pela impossibilidade de ser definido como homem, pois a velhice apaga a condição humana e também a sexualidade: “Home, não! Véio! E véio é home?” (homem, 80 anos, asilo), restando apenas o sofrimento “É... bicho que ficou pra sofrer no mundo foi véio. Virgem Maria!” (homem, 80 anos, asilo).¹¹

Paralelamente, vão se construindo pela fala do idoso as causas desse imaginário de sofrimento e desespero “Não quer porque sou véio. Porque se fosse véio e tivesse alguma coisa, queria, né?” [sorriu] (homem, 80 anos, asilo). Na verdade, a velhice aprofunda as dificuldades que viveram na mocidade. Como foram trabalhadores de atividades precarizadas, que apenas têm o salário mínimo como aposentadoria, não podem ter compensações quando deixam de trabalhar. Normalmente doentes, sem conseguir se cuidar sozinhos, são deixados nos asilos pelos familiares, que, na maioria das vezes, não têm recursos para cuidar deles, e também porque a sociedade descarta aquele que não pode mais contribuir. A família não percebe a importância para sua própria estruturação da figura do idoso e dei-

xa-o no asilo. O mais importante a ser percebido é que o idoso do asilo coloca a culpa pelo seu sofrimento na família, não exatamente na velhice.

É isso! O caba ficou véio, vou dizer uma coisa: não tem vida mais difícil do mundo é quando o caba fica véio. O pior do mundo é o caba ficou véio. [bate a bengala] Abandonam, abandona os véio, os filho não querem em casa. [chora]. (homem, 80 anos, asilo)

É para a família que vai a crítica do idoso, não para o sistema que permite que pessoas sofram enquanto jovens, com salários aviltantes e nenhuma condição de trabalho, e que, ao encerrarem o ciclo reprodutivo, sejam “jogados em depósitos” para esperar a morte. Ressalte-se que esses idosos ainda têm um salário mínimo que é entregue ao asilo. E àqueles que nem isso conseguiram e que, por obra do acaso, lograram chegar à velhice, o que os espera? Na verdade, a velhice não é o problema, mas, sim as condições de exploração que a lógica do capital imprime aos trabalhadores.

A respeito das mulheres “asiladas”, compreendemos que elas têm a mesma perspectiva dos homens em relação aos problemas que a idade avançada proporciona.

A gente nunca sabe a idade, né, que vai se acabar [...]. Eu era muito nova, eu era da farra, eu hoje tô acabada. Eu era tão bonita. Tô acabada. (mulher, 64 anos, asilo).

Já fui animada. Hoje tô boa de morrer. Ai meu Deus do céu! (mulher, 75 anos, asilo)

Os anos de vida são considerados como infortúnio, a beleza foi perdida, nada mais resta: “tô acabada”, “boa de morrer”. No entanto, há uma novidade nos discursos das idosas asiladas que não é encontrada em nenhum discurso dos homens velhos do asilo, a qual, por um momento, pequeno e ímpar, possibilita o vislumbre de modificação dessa representação se a realidade permitisse sua expansão.

Tem dias que eu me acho velha, mas tem outros dias que eu me acho assim [legal]. Parece? Não, não me sinto velha não, não tenho tristeza porque sou velha, não tenho não! Fico assim (legal). Tem dias, agora lá uma vez, eu fico assim com a cara tão feia, meu Deus, digo assim, tô muito feia [riu], tô muito feia. A cabeça, eu gosto da minha cabeça branca, eu gosto. Agora, o cabelo tá feio. Quando eu lavo a cabeça eu não uso nada, só água. Quando eu vou sair, quando eu tomo banho, aí eu faço assim [mexe o cabelo e ri]. Aí eu digo: “Oh! Meu Pai do Céu, tô tão feia, tô muito feia”. E tem dias que eu não acho, de noite às vezes eu fico aqui, vou passar a escova de dente, olho no espelho digo: “Oh! Pai do Céu, tô bonitinha hoje”. [riu]. (mulher, 88 anos, asilo).

A questão que gostaríamos de levantar com o último recorte é que, por mais que sofram e vivam uma vida de constrangimentos e faltas, as mulheres encontram momentos de alegria e percebem em seu corpo envelhecido algo bonito: “A cabeça, eu gosto branca da minha cabeça branca, eu gosto”. A humanidade é trazida pela característica ímpar que a representação artística oferece à humanidade. A mulher se

sente bela, logo humana, imediatamente passível de transformação do sentido de pessoa. Nesses pequenos momentos, ela é mais humana, bem diferente dos idosos que nem como homens mais se percebem: “Véio é bicho”. Embora perceba que o cabelo está maltratado, aquela mulher tem a percepção do corpo como algo que pode lhe trazer bem-estar.

A diferença produzida por essa materialidade discursiva, a nosso ver, é que ela reatualiza os sentidos de velhice, pois tem sua gênese na diferença do tratamento da sexualidade pelos diferentes gêneros: para o masculino, a sexualidade está diretamente ligada à virilidade sexual, ao passo que para as mulheres, há uma abrangência maior de prazer em relação ao corpo. Sabemos que a sociedade ainda impõe papéis que devem ser seguidos por homens e mulheres, sob pena de sanções da própria comunidade. Porém, há uma maior flexibilidade para o estar no mundo contemporâneo, pois o feminino pode ocupar vários lugares, muito embora persista sendo o lugar primordial o de esposa e mãe. No entanto, ser faceira, vaidosa é também algo dado como feminino, o que acaba produzindo, contraditoriamente, menos rigidez na conduta das mulheres, permitindo-lhes se perceberem como “bonitas”, sem culpa por estarem “velhas”.

Aqui enfatizamos o caráter contraditório de todo modo de produção, cujo princípio é a luta de classes. A fala dessa idosa descortina o discurso dominante,

que impossibilita que a **velhice** seja associada à **beleza**, pois a beleza está associada preponderantemente à juventude. Porém, segundo Pêcheux (2002), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”, e ainda, “não há identificação plenamente bem-sucedida”. De fato, a re-orientação do sentido de velhice produzida na fala dessa senhora indica-nos que é possível na velhice perceber-se como bonita, mesmo que tudo leve a dizer que não, pois todos sabemos que predomina um culto que preza a beleza feminina idealizada na figura da mulher jovem e magra. Por um instante, e esse instante é muito significativo, as relações de gênero deixam lacunas e fazem a mulher velha romper com o discurso dominante, procurando o bem-estar na sua aparência atual, percebendo-se como bonita ou mesmo feia, independentemente de ser velha ou mesmo jovem.

Essas contradições discursivas são constituídas nas relações contraditórias da formação social. Os sentidos de ser homem ou mulher, velho ou jovem, feio ou bonito resultam de um complexo onde se entrelaçam as relações de gênero e gerações fundadas nas relações de trabalho. É esse complexo contraditório que sustenta a formulação do discurso e a produção de sentidos e, certamente, afeta a constituição e o lugar do sujeito do discurso.

Considerações finais

Podemos afirmar, com base no exame da fala dos idosos e das idosas, que a velhice não se constitui no problema, mas, sim, a posição de classe na sociedade. Mesmo com todas as dificuldades de sobrevivência, com baixos salários, as pessoas que conseguem chegar à terceira idade com condições básicas de sobrevivência podem encarar a velhice como uma fase muito melhor que a juventude – de trabalho e exploração. No entanto, para os que não conseguem o mínimo de sobrevivência digna, a velhice aparece como um castigo e a família, como a grande vilã do processo de exclusão do idoso.

Esse imaginário é captado pelos idosos asilados, que introjetam a velhice como espera da morte e estorvo para os outros. Cabe ressaltar que, mesmo vivendo a mesma história, as mulheres asiladas conseguem tirar do infortúnio algumas alegrias, diferentemente de seus parceiros.

Compreendemos também que os gestos de interpretação de homens e mulheres do asilo e do Sesc são materializados em discursos que expressam as diferenças de gênero socialmente construídas. Nesse registro, percebemos que as relações de classes (formações ideológicas) incidem nas formulações discursivas, regendo certos sentidos de condutas e valores tidos como femininos e masculinos. Isso se expressa de modo mais evidente no âmbito familiar, que é um espaço de socialização onde brotam modelos de comportamentos distintos, muitas

vezes expressos pelo cerceamento da liberdade das mulheres. São essas relações, fundadas na divisão social e sexual do trabalho, que definem, por meio da formação ideológica e discursiva, os contornos dos sentidos das velhices para homens e mulheres.

Finalmente, podemos concluir que estudar tanto a questão de gênero quanto a questão das gerações e o sujeito do discurso, sem levar em conta a determinação de classe, pode levar a equívocos nas análises, pois não há idoso em abstrato, mas idosos de gêneros diferentes, com vivências distintas, que são afetados, em seu cotidiano, pelo lugar que ocupam numa determinada estrutura social de produção.

Résumé

Sujet et vieillesse: la particularité de las relations du genre affectant la formulation du dire

Dans cet article, nous allons discuter, à travers le discours des personnes âgées, l'imbrication des rapports de classe et genre dans la constitution des sujets et des sens assignés à la vieillesse. Comme référence théorique orientant ce travail nous avons adopté l'analyse de discours et la théorie féministe. Nous allons montrer comment la détermination de classe, liée à la dimension du genre, opère dans la production des images sur la vieillesse, favorisant des différentes positions de sujet et, par conséquent, l'affrontement de la vie sociale diversifiée. Comprendre de quelle façon le genre oriente la formulation du dire c'est aussi s'interroger sur la constitution du sujet et du discours dans l'entrecroisement des

rapports sociaux, ce qui peut contribuer à la problématique inquiétante autour du sujet (depuis l'interpellation idéologique jusqu'à la possibilité de l'auteur) et de la production du sens dans la société contemporaine.

Mots-clés: Discours. Sujet. Genre. Rapports de travail.

Notas

- ¹ Antes de entrarmos nas análises que serão aqui desenvolvidas, é preciso destacar que estamos acompanhando os embates teóricos que a AD vive no momento atual para definir a constituição e o lugar do sujeito em sua teoria. Isso vem produzindo tensões constantes entre as teorias que fundamentam a AD – lingüística, psicanálise e marxismo, – sendo nessas fronteiras rígidas e, ao mesmo tempo fluidas que a análise do discurso resiste enquanto disciplina de entremeio. (cf. SILVA SOBRINHO, 2005).
- ² Ver Magalhães (2001, 2005).
- ³ Embora conceitos que se complementam, o pré-construído, a memória discursiva e o interdiscurso não podem ser tratados como sinônimos, como muitas vezes ocorre em determinadas análises. O pré-construído faz parte do âmbito das práticas sociais em geral, a memória discursiva refere-se às práticas sociais discursivas que circulam na sociedade; o interdiscurso refere-se ao constituído discursivamente que remete ao discurso em análise. Tanto no âmbito conceitual como no metodológico esses conceitos se complementam e se distinguem.
- ⁴ Quando falamos em formulação do discurso, estamos nos referindo ao todo complexo da produção dos sentidos. Segundo Orlandi (2001, p. 9), “é na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde). Momento de sua definição: corpo e emoção da/na linguagem. Sulcos no solo do dizer. Trilhas. Materialização da voz em sentidos, do gesto da mão em escrita, em traço, em signo. Do olhar, do trejeito, da tomada do corpo pela significação. E o inverso: os sentidos tomando corpo. Na formulação – pelo equívoco, falha da língua inscrita na história – corpo e sentido se atravessam”.
- ⁵ Para desenvolvimento da temática, ver Magalhães (2005), Prado (1979).
- ⁶ Para a metodologia da AD, a recorrência das falas é que faz sentido, não o número de falantes.

- ⁷ Pensar essa relação de sentidos pela diferença entre “marido bom” e “marido ruim” permite compreender as práticas sociais, especificamente a relação matrimonial, como espaços de dominação e confronto. Ver Magalhães (2005).
- ⁸ Vale lembrar que o máximo de remuneração que essas famílias recebem são três salários mínimos, o que aponta para um cotidiano de dificuldades numa sociedade com tão poucos recursos públicos de atendimento à população.
- ⁹ Cf. Silva-Sobrinho (2006). Na tese, o autor analisa o confronto de sentidos entre o discurso dos trabalhadores-velhos/idosos que vivem em asilos (o discurso da pior idade) e o discurso dos trabalhadores-velhos/idosos que participam do Sesc (o discurso da melhor idade) em seus desdobramentos contraditórios.
- ¹⁰ As falas aqui analisadas são de homens e mulheres velhas residentes no asilo Casa do Pobre, localizado na cidade de Maceió-AL. As idades dos entrevistados oscilam entre 60 e 88 anos. O leitor interessado em aprofundar questões sobre o asilo como instituição que funciona para abrigar/acolher os trabalhadores-velhos, mas também como lugar de exclusão, escassez, conflitos, maus-tratos, prisão e lugar de espera da morte (morredouro, corredor da morte), pode consultar Silva-Sobrinho (2006), especialmente o cap.3.
- ¹¹ Essa fala remete ao personagem Fabiano de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, quando questiona sua humanidade. É isso que nosso entrevistado está questionando: vivendo naquela condição pode ser considerado humano?

Referências

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. *Masculino/feminino: tensão insolúvel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ARANTES, Antonio Augusto et al. *Colcha de retalho: estudos sobre a família no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- BARBOSA, Regina Maria e PARKER, Richard (Org.). *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *La domination masculine*. Paris: Ed. Di Seuil, 1998.
- COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

- IZUMINO, Wânia Pasinato. *Justiça e violência contra a mulher*. São Paulo: Annablume, 1998.
- LEMENHE, Maria Auxiliadora. *Família, tradição e poder*. São Paulo: Annablume/UFC, 1995.
- LUKÁCS, Georg. *O trabalho*. Trad. Ivo Tonet. Maceió: 1997. Mimeografado.
- MAGALHÃES, Belmira et al. *Magistério: reprodução da discriminação feminina*. Curitiba: HD livros, 1996.
- _____. *Vidas secas: os desejos de sinhá Vitória*. Curitiba: HD livros, 2001.
- _____. *As marcas do corpo contando a história: um estudo sobre a violência doméstica*. Maceió: Edufal, 2005a.
- _____. *Trabalho, gênero e educação*. In: MAGALHÃES, Belmira; BERTOLDO, Edna. *Trabalho, educação e formação humana*. Maceió: Edufal, 2005b.
- MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1996. (Coleção os pensadores).
- _____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ORLANDI, Eni. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- _____. *Interpretação: autoria leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2002.
- PRADO, Danda. *Ser esposa: a mais antiga profissão*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- ROCHA, Maria Isabel Baltar (Org.). *Trabalho e gênero: mudanças permanências e desafios*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- SAFFIOTI, Heleith. *A mulher na sociedade de classes: mito ou realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SILVA SOBRINHO, Helson Flávio. Na fala do idoso o nome da morte. In: *Oralidade e escrita: estudos sobre os usos da língua*. Maceió: Edufal, 2003.
- SILVA SOBRINHO, Helson Flávio. Trilhar caminhos, seguir discursos: aonde isso poderá nos levar? In: II SEMINÁRIO DE ANÁLISE DE DISCURSO, II. *Anais...* Porto Alegre, out/nov de 2005. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/sead/>.
- _____. *Discurso, velhice e classes sociais: a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica*. Tese (Doutoramento em Linguística) - Ufal, Maceió, AL, 2006.
- VAISMAN, Ester. A ideologia e sua determinação ontológica. *Ensaio*, São Paulo, n. 17-18, p. 399-444, 1989.

Recebido e aprovado em novembro de 2006
